

ALICE MENDONÇA  
(org)



# O FUTURO DA ESCOLA PÚBLICA

1ª Edição 2013

  
UNIVERSIDADE da MADEIRA  
[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

**CIE-UMa**  
Centro de Investigação em Educação  
[www.uma.pt/cie-uma](http://www.uma.pt/cie-uma)



ALICE MENDONÇA (Org.)

# **O Futuro da Escola Pública**

**Título**

O Futuro da Escola Pública

**Organizador**

Alice Mendonça

**Edição**

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

**Design Gráfico**

Énio Freitas

**Impressão e Acabamento**

João Duarte, Unipessoal, Lda

**Tiragem**

200 Exemplares

**ISBN**

978-989-97490-4-7

**Depósito Legal**

368947/13

© CIE-UMa 2013

[www.uma.pt/cie-uma](http://www.uma.pt/cie-uma)

The logo for FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) consists of the letters 'FCT' in a bold, green, sans-serif font.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEST-OE/CED/UI4083/2011

---

## A EDUCAÇÃO FÍSICA NUMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE

---

**António Pereira**

**Helder Lopes**

**Catarina Fernando**

Universidade da Madeira

### INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) deve servir um propósito de formação que está além do escrito nos normativos educacionais. Assim, este trabalho expressa, com uma primeira análise conceptual e posteriormente com um exemplo prático, de que forma é que a EF e os seus conteúdos poderão contribuir para o enriquecimento de todo o processo educativo.

Como nos diz Costa (1992) o Desporto tem vindo a evoluir ao longo dos tempos com as alterações da sociedade que o gera e concebe na medida em que o Desporto, através das suas manifestações, passa a ser uma representação da sociedade em que se insere.

O "topo" do Desporto atual é representativo de uma massificação de um produto desportivo. Enuncie-se o caso dos Desportos Coletivos e Individuais que, com a Era Industrial sofreram um conjunto de alterações e standardizações, nomeadamente no que diz respeito às regras e regulamentos. Estas alterações visavam a criação de um tipo de Homem que a sociedade de então precisava.

O que se diagnostica é que essa conceção de Desporto passou a integrar os normativos da Educação Física que integram os programas educativos. Ou seja, as matérias e conteúdos que os jovens atualmente estão a aprender, ainda contemplam na sua essência alguns dos princípios ativos que eram utilizados para formar os sujeitos que a sociedade necessitava aquando da Revolução Industrial.

Justino (2010: 94) enuncia que "em média, precisaremos de cerca de quinze anos para formar os cidadãos do futuro. Quer isto dizer que deveríamos estar a pensar como formar os cidadãos de 2025, 2040, 2050. E o problema é que não vejo que exista uma grande preocupação com esse desafio."

Analisando com coerência estes factos, apercebemo-nos que, na atual conjuntura de crise socioeconómica, o Desporto e a EF, como os conhecemos, não poderão continuar a ser uma mera representação de um estado social nem, muito menos, poderão deixar-se levar pela evolução (negativa) que a sociedade poderá ter. Estes dois instrumentos (Desporto e EF) deverão sim, contribuir enquanto meio de excelência para o processo de capacitação e transformação dos sujeitos que compõem uma sociedade, nomeadamente através de um enriquecimento dos seus conteúdos e uma prévia capacitação dos seus profissionais.

O fulcro do processo de formação, dever-se-á centrar no tipo de Homem que a sociedade irá necessitar daqui por 20 ou 30 anos, e sem dúvida que os problemas vindouros e um contexto de instabilidade e incerteza serão a base sob a qual deverá ser estabelecido o tipo de Homem que queremos formar, que a sociedade do futuro precisa, pondo de parte as concomitantes tentativas de continuar a ensinar para o passado, o que se mostra extremamente inadequado e irracional.

Tendo em conta as premissas anteriores, estabeleceu-se, nos trabalhos que temos vindo a desenvolver, que pretendemos transformar os nossos alunos/jovens em sujeitos capazes de perdurar em qualquer que seja o seu futuro, conhecedores da noção de funcionalidade e dotados de capacidade de decisão, nunca descurando as informações que o contexto faculta para uma melhor resolução dos problemas.

O Desporto e as suas variantes, muitas delas enquadradas nos programas da Educação Física, não deverão apenas estar centrados nas capacidades físicas e condicionais. Esta disciplina poderá ser, com uma utilização intencional dos seus conteúdos, um catalisador de um processo de capacitação de uma sociedade, que se quer célere.

Rosado (1999), Rocha (2009) e Barros (1996) concebem a Educação Física como um pólo de desenvolvimento da saúde, do higienicismo, do treino e do rendimento desportivo. Contudo, surge um ponto de rotura que preve Uma nova forma de encarar e trabalhar a Educação Física, que não se limita a tais características e que pretende ser verdadeiramente eclética, transmitindo através dos princípios ativos que os seus conteúdos possuem, competências ímpares para tonar possível a transformação dos nossos alunos no tipo de Homem que se pretende.

A anterior ideia é-nos corroborada por Oliveira (2004: 46-47) quando enuncia que "Educação Física é Educação, na medida em que reconhece o Homem como o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana. Onde não será necessário levar vantagem em tudo". Com a última frase o autor revela a futilidade que os resultados e produtos assumem quando comparados com as aquisições processuais. Adiante enaltecidas no exemplo.

## **ESTABELECENDO UMA BASE CONCETUAL**

A Educação Física e o Desporto, sob o ponto de vista do Modelo Taxonómico de Análise das Atividades Desportivas, são sistematizados em função dos comportamentos que cada um deles solicita predominantemente (Almada et al. 2008).

Uma vez que nem todas as atividades desportivas têm os mesmos princípios ativos e que conseqüentemente não surtem os mesmos efeitos, procuraremos explicar, através de exemplos práticos no contexto da EF, que importância poderão ter os Desportos de Adaptação ao Meio (DAM) no seio dos programas de disciplina e nos projetos escolares, de forma a contribuir para uma escola que ajude a montar estratégias e não se limite a transmitir conhecimentos.

Entendam-se os DAM como uma categoria do referido Modelo Taxonómico que se caracteriza por  $y = f[x]$  onde  $y$  são os comportamentos solicitados, em função  $f$  das variáveis/alterações do contexto  $x$ . Estas variáveis por sua vez podem-se encontrar bem delimitadas num intervalo conhecido de acontecimentos  $[x]$ .

Esta conceção permite-nos compreender que os DAM são capazes de desenvolver nos sujeitos, capacidades e competências que os desportos ditos mais convencionais não desenvolvem, pois, estes permitem fundamentalmente que o sujeito se conheça numa relação/dialética com o meio, que leia indicadores de forma a resolver um problema do qual a sua vida possa depender (de verdade, ou apenas de forma percebida). Em suma, tudo o que resultar de uma interação com um meio pouco habitual para o sujeito.

A potencialidade pedagógica das atividades que se podem analisar segundo este modelo, reside predominantemente, na riqueza de imaginários que podem ser criados, onde o aluno compreende a sua “pequenez” e sente necessidade de interagir com o meio, interpretando, criando estratégias e atuando, para que, através de uma gestão de equilíbrios das mais variadas ordens, possa garantir a sua prossecução nesse meio (objetivo imediato) e um conhecimento profundo das suas capacidades e dos seus limites (objetivos mediatos) na medida em que só com o seu domínio conseguirá superar os desafios encontrados no interior do respetivo intervalo de problemas colocados pelo meio  $[x_1; x_2; x_3; x_n]$ .

Durante a implementação de propostas dentro deste foro, é colocado ao docente, um desafio, na medida em que este será o responsável pela gestão de um processo e “criação” e adequação do meio/contexto que o aluno terá de superar e não apenas de criar um produto que os alunos se limitam a consumir.

Para que exista valor educativo numa atividade ou tarefa, esta terá que ter presente os princípios ativos que levarão à transformação dos alunos não no sentido que desejamos, mas complementarmente no sentido do que ele próprio necessita, ou do que a sociedade o condiciona.

Seria expectável que os normativos educacionais, tanto a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) como o Programa Nacional de Educação Física (PNEF) respondessem não só aos problemas atuais mas também aos futuros, orientando estratégias para resolução dos mesmos.

No exemplo que daremos de seguida, utilizamos o PNEF onde Jacinto et al. (2001) indicam que poderá ser utilizada a prática de Atividades Físicas de Exploração de Natureza, nas suas dimensões técnicas, organizativas e ecológicas.

## **O EXEMPLO**

Mostramos agora, através de um exemplo prático, como é que se concretiza e/ou operacionaliza, uma atividade aparentemente morosa e pouco rica. Utilizando este exemplo e as nossas ilações sobre o mesmo, esperamos que consiga ser relevante para outros docentes.

Dependendo do objetivo principal, poderão ser assumidas duas ordens de trabalho, uma de Consumo outra de Produção.

O exemplo aqui apresentado está intimamente ligado a uma perspectiva de Produção e prende-se com a preparação, execução e controlo de um acampamento com alunos e professores de uma turma do ensino básico e secundário. Esta atividade que já fora anteriormente proposta e executada, foi por esse mesmo facto uma mais valia, pois verificou-se que este tipo de trabalho, induz, na maioria das situações, os comportamentos solicitados.

Uma atividade nestes moldes potencia a fruição e a aquisição de competências dos alunos tanto no processo de preparação e conceção mas também de balanço de forma a adquirirem competências sociais, de trabalho e de adaptação ao meio.

Apesar deste tipo de atividades ter um momento alto (o acampamento em si), contempla inúmeras fases interligadas, ou seja, a ação não foi um momento mas sim um processo de construção com o qual se desejou quebrar algumas rotinas de trabalho e propor novas formas de intervenção.

Para conceber um acampamento, ao contrário do que muitas vezes acontece, os alunos deverão assumir experiências maioritariamente de produtores e não de consumidores.

Esperemos que fique explícito que o processo de preparação, o “preparar para”, pode ser muito mais rico em aprendizagens úteis ao Homem que desejamos formar; um Homem capaz de perceber o contexto onde se insere; optar e tomar decisões conscientes, bem como criar estratégias de atuação no meio onde terá que sobreviver.

Com os objetivos supra mencionados, pretendemos mostrar, de forma muito simplificada o que queríamos que fosse trabalhado com os alunos. Foram eles; o dominar de uma metodologia, o reconhecer a importância da ordem cronológica dos procedimentos, o perceber as funcionalidades dos instrumentos utilizados, o analisar o envolvimento e ajustar as decisões às implicações das decisões tomadas, avaliando e controlando os resultados da atividade com uma perspetiva crítica.

## **PLANEAMENTO E CONCEÇÃO**

A ideia mais geral é colocar "nas mãos" dos alunos todo o processo de planeamento e conceção. Desta feita, durante o processo, os alunos irão adquirir competências durante o processo e que perdurarão no tempo, não se limitando a existir num determinado momento.

Começamos por fazer um levantamento do que poderá ser necessário para um acampamento acontecer, em seguida selecionem-se as tarefas que poderão ser mais facilmente trabalhadas com os alunos e as que, sem comprometer a atividade e as aprendizagens, poderão ser tratadas pelos professores.

Neste tipo de atividade não nos podemos cingir a uma única figura docente, teremos sim que estar em contato direto com todos os professores das outras

disciplinas. Dependendo do ciclo de estudos poderão existir inúmeras formas de intervenção e distribuição de conteúdos pelas disciplinas, tal como exemplifica a tabela 1.

Tabela 1. Exemplo de conteúdos abordados por disciplina.

<b>Disciplina</b>	<b>Conteúdos</b>
<b>Geografia</b>	Escolha do local; Previsões meteorológicas; Tipos de nuvens;
<b>Matemática</b>	Porções alimentares; Áreas do campo; Relação espaço/n.º de sujeitos/n.º de tendas;
<b>Língua Portuguesa</b>	Ofícios; Pedidos de apoio; Depoimentos; Imaginários; Balanços;
<b>Ciências da Natureza</b>	Tipos de alimentação; Primeiros socorros; Origem da região e suas formações rochosas;
<b>Educação Tecnológica</b>	Construção de um papagaio/joeira;
<b>Educação Física</b>	Concetualização de Campismo; Criação de grupos de trabalho; Estratégias de distribuição de tarefas; Caraterísticas do local/campo; Estratégias de enquadramento dos pais/encarregados de educação; Inventariação do Material; Material Geral de Campo; Material Grupo; Material Individual; Material do Responsável; Material para Atividades; Montagem e disposição de tendas; Sistemas descensores; Transporte de Material; Organização do espaço do campo; Criação de percursos pedestres; Reconhecimento do terreno através de mapas.

Durante a experiência deste processo, que foi efetuado no ano letivo de 2011/2012, utilizaram-se a título experimental duas turmas, as quais, com diferentes níveis de preparação, demonstraram "em campo" níveis diferentes de aquisição de competências. Este tipo de intervenção é pouco utilizado, no entanto após esta experiência, constatamos que, o facto de se envolverem os alunos em todo o processo, apesar de exigir aos docentes muita articulação e trabalho de gestão, cativa, facilita e acelera todo um processo de capacitação dos nossos alunos.

Sabemos que existem inúmeras concetualizações da Educação Outdoor, referências ao campismo pedagógico, conhecemos também algumas das suas modalidades e partilhamos algumas opiniões no sentido de que as experiências educativas outdoor enriquecem o currículo e podem garantir o desenvolvimento sustentável de uma educação sólida através de iniciativas como o desenvolver um plano de viagem/acampamento.<sup>55</sup>

O facto de os alunos estarem dentro do processo de planeamento, conceção e controlo torna mais claro que as *“atividades de aventura surgem como um ganho fundamental de inovação pedagógica”* (Marinho, 2005: 2), no entanto o Modelo de Análise das Atividades Desportivas de Adaptação ao Meio (Almada *et al*, 2008), permite-nos compreender toda a envolvência e abrangência desta temática e possibilita que se atue sobre a mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tipo de atividades são, na sua génese, muito empolgantes para todos os envolvidos e têm-se mostrado, com o seu decorrer, como sendo importantes para um melhor relacionamento dos alunos com os professores, aproximando também os encarregados de educação.

No entanto, esta atividade não poderá ser momentânea ou esporádica, deve sim ter uma perdurabilidade relativamente longa que se deverá fazer acompanhar de um planeamento equivalente. Apesar das etapas do planeamento, nem sempre serem tão céleres quanto se deseja, aconselhamos a programar todo o decorrer da atividade com uma precisão que seja funcional, tornando o planeamento estruturado e ao mesmo tempo flexível.

Complementando, achamos que este tipo de atividade poderá ser mais rico quanto maior for o tempo de preparação. Levantamos a hipótese do mesmo projeto poder ser executado nos três anos do 3.º Ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário. Em qualquer um dos níveis de ensino poderão também ser feitas inúmeras abordagens com diferentes disciplinas e conteúdos.

Por fim, gostaríamos de citar a LBSE pois os seus pressupostos pretendem assegurar "uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social" (LBSE, 2005: 4) bem como "que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano" (*ibidem*).

Acreditamos que a Escola não pode continuar fechada em si mesma e dentro dela cada uma das disciplinas entendida e defendida como uma ilha. A inter e a transdisciplinaridade são fundamentais numa escola pública que se quer de qualidade, ou seja, que prepare os alunos para os desafios de hoje e do futuro.

---

<sup>55</sup> *Curriculum for excellence through outdoor learning - Learning and Teaching Scotland* (2010).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almada, F. et al. (2008). *A Rotura- A Sistemática das Actividades Desportivas*. Torres Novas: Edição VML.

Barros, J. (1996). *Educação Física: Perspectivas e Tendências na Profissão*. In Revista Motriz - Volume 2, Obtido em [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1\\_PON09.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_PON09.pdf) a 13 de dezembro de 2011.

Costa, A. (1992). "Desporto e Análise Social". In *Sociologia*, vol. II. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obtido em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf> a 9 de setembro de 2012.

Curriculum for excellence through outdoor learning (2010) Learning and Teaching Scotland. Obtido em [http://www.educationscotland.gov.uk/images/cfeoutdoorlearningfinal\\_tcm4-596061.pdf](http://www.educationscotland.gov.uk/images/cfeoutdoorlearningfinal_tcm4-596061.pdf) a 21 de outubro de 2011.

Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001). Programa Nacional de Educação Física. Obtido em <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=54&ppid=3>. a 09 de junho de 2011.

Justino, D. (2010). *Difícil é Educá-los*. Nº 5, Coleção Ensaios. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Marinho, A. & Schwartz, G. (2005). *Atividades de aventura como conteúdo da Educação Física: reflexões sobre seu valor educativo*. São Paulo: Instituto de Biociências – UNESP, Rio Claro.

Rocha, C. (2009). *A Motivação de Adolescentes do Ensino Fundamental para a prática da Educação Física Escolar*. Faculdade de Motricidade Humana - Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desporto: Obtido em [http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2141/1/A%20motiva%C3%A7%C3%A3o%20para%20pr%C3%A1tica%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20Escolar%20\\_Reparado\\_.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2141/1/A%20motiva%C3%A7%C3%A3o%20para%20pr%C3%A1tica%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20Escolar%20_Reparado_.pdf) a 23 de setembro de 2011.

Rosado, A. (1999). *Léxico Comentado sobre Planificação e Avaliação*. Textos de Apoio. Obtido em <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm> a 15 de setembro de 2007.

## LEGISLAÇÃO

Lei de Bases do Sistema Educativo (2005). Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto.